

RESENHA

ZAMBRANO, María. *Filosofía y poesía*. 4. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

Cídio Lopes de Almeida
[sem revisão por pares]

A obra *Filosofia e Poesia* de Maria Zambrano explora a intrincada e muitas vezes conflitante relação entre a filosofia e a poesia, remontando às suas origens na Grécia Antiga com Platão, que via a poesia como uma ameaça à verdade e à justiça. A autora contrasta a busca filosófica pela unidade, razão e ascetismo com a natureza da poesia, que se apega à multiplicidade, à emoção e ao mistério. Argumenta-se que, enquanto a filosofia busca transcender a carne e o mundo sensível em direção a um ser imutável e absoluto, a poesia abraça a experiência humana em sua totalidade, incluindo suas contradições e sua efemeridade. A discussão se estende à evolução histórica dessa relação, passando pelo cristianismo, pelo Romantismo e chegando a pensadores modernos, questionando a possibilidade de reconciliação duradoura entre essas duas formas essenciais de compreensão e expressão humanas.

Resenha da Obra "Filosofía y Poesía" de María Zambrano

A obra "Filosofía y Poesía", da pensadora espanhola María Zambrano, é um ensaio sobre a relação histórica e intrínseca entre o pensamento filosófico e a expressão poética na cultura ocidental. Nascido, segundo a própria autora, "mais que construído", em um momento de "extrema impossibilidade" na cidade de Morelia, México, no outono de 1939, o livro surge como uma homenagem à Universidade de San Nicolás de Hidalgo e reflete a "vocação utópica" da autora pela filosofia, mesmo com a convicção de que ela própria não poderia "fazer" filosofia. A gênese da obra, permeada por uma travessia conturbada e o exílio após a Guerra Civil Espanhola, é descrita como um ato de "condescendência" perante a impossibilidade, buscando a verdade a partir do que parece impossível. A primeira edição foi publicada em 1939, e edições posteriores foram preparadas, com a de 1987 evocando novamente o "tremor do nascimento" para a autora.

A autora estabelece desde o início que pensamento e poesia, embora por vezes coexistentes, confrontam-se seriamente ao longo da cultura ocidental. Ambas são vistas como "duas formas insuficientes" ou "duas metades do homem": o filósofo e o poeta. Enquanto a poesia revela o "homem concreto, individual", sendo "encontro, dom, achado por graça", a filosofia busca o "homem em sua história universal", guiada por um método. Essa "luta com todo o seu vigor" entre as duas formas da palavra é, para Zambrano, inaugurada por Platão, que, ao resolver a questão "triunfalmente para o *logos* do

pensamento filosófico", efetivou a "condenação da poesia", relegando-a a uma existência "azarosa e à margem da lei". A filosofia, ao "tomar o poder", exerceu um império decisivo sobre o conhecimento, marginalizando o que não era radicalmente racional. Zambrano propõe que há uma "dupla necessidade irrenunciável" de ambas, vislumbrando um horizonte de possível reconciliação.

A raiz do pensamento, segundo a autora, não se explica apenas pela "admiração" (Aristóteles), mas também pela "violência" presente no "mito da caverna" de Platão. A filosofia emerge de um "pasma extático" inicial, seguido por uma violência interior para se "libertar das coisas" e buscar algo que não se dá, que "não presenteia sua presença". O filósofo, impulsionado por um "amor violento" àquilo que busca, abandona a "generosa imediação da vida", abraçando o ascetismo como instrumento de saber. O poeta, por outro lado, permanece "preso à admiração originária", não sentindo a mesma violência. Ele não renuncia, mas "tem" as coisas, a realidade em sua multiplicidade, incluindo sonhos e fantasmas interiores, num "mundo aberto onde tudo era possível" e os limites se desfaziam. A poesia tem sua própria "unidade", que se revela na música e no poema, uma unidade "realizada, encarnada" sem violência, embora seja "incompleta" e "frágil" em comparação com a unidade absoluta almejada pela filosofia. O poeta, não temendo o nada, deseja "cada uma das coisas sem restrição", abrangendo "o ser e o não ser em admirável justiça caritativa", querendo que "tudo o que há e o que não há, chegue a ser". O *logos* poético é "de um consumo imediato, cotidiano", diferentemente do *logos* filosófico, que é "imóvel" e acessível apenas por esforço. O poeta não crê na "verdade excludente" da filosofia, que é adquirida passo a passo e gera "soberba".

A condenação platônica da poesia em "A República" é analisada como uma ação em nome da moral, da verdade e da justiça, todas correlatas da ideia de Ser. Para Platão, "todo representar é já mentira", e a poesia é a mentira por excelência, capaz de escapar à força do Ser, de "fingir o que não é". Zambrano destaca o otimismo e a esperança da razão grega, em contraste com o pessimismo da tragédia e dos deuses impiedosos. A poesia é vista como a "voz do passado, do ontem trágico e melancólico", a palavra "irracional" a serviço da "embriaguez" e do "delírio", estendendo o "inferno" da desesperação. Ela se aferra ao instante e à beleza perecível, recusando o consolo da razão e abraçando a melancolia e a morte. O filósofo, ao contrário, vive em "alerta contínuo", buscando a "reminiscência" de sua origem divina para se salvar do "naufrágio" da carne.

A autora argumenta que a condenação platônica da poesia tinha uma raiz profundamente religiosa e mística, um "gigantesco desígnio religioso" de "salvar a alma"

da degradação do corpo. A filosofia platônica realizava "teologia e mística", racionalizando o anseio de salvação e preparando o caminho para o ascetismo cristão. No entanto, Platão, notavelmente em *O Banquete* e *Fedro*, também salvou o amor da "destruição total" ao concebê-lo como um caminho para o conhecimento e a unidade, um "delírio divino" que eleva a alma e permite a criação. Essa "salvação" do amor platônico permitiu que a poesia existisse dentro da cultura ascética cristã, influenciando, por exemplo, os hinos à Virgem e a poesia mística, como "Cântico Espiritual" de São João da Cruz, que canta a "ausência" do amado.

A obra prossegue abordando a relação entre poesia e metafísica na Idade Moderna. A reconciliação platônica foi breve; o Renascimento, por exemplo, absorveu a herança platônico-cristã, integrando o amor platônico e o *logos* na arte. No entanto, a nova esperança da Modernidade centrou-se em "este mundo" e na "individualidade", buscando que o homem fosse o "fundamento de toda a realidade". Essa "Metafísica da Criação", especialmente em Schelling, exaltou a arte como a revelação da "verdade mais pura", manifestação do absoluto. O Romantismo viu poesia e filosofia se fundirem em um "abraço apaixonado", ambas aspirando ao absoluto e sentindo-se "revelação transcendental".

Contudo, a geração pós-romântica, com figuras como Baudelaire e Kierkegaard, trouxe a "consciência" e a "medida", purificando a embriaguez anterior e distinguindo novamente poesia e metafísica. Baudelaire, por exemplo, converteu a "inspiração" em "trabalho", trazendo lucidez e uma "ética do martírio" à poesia. A poesia adquire consciência de si, definindo a "poesia pura" como uma afirmação de sua substancialidade e independência. A metafísica moderna, por sua vez, é vista como nascida da "angústia" e da "dúvida" (Descartes), afirmando uma razão rígida e fechada que constrói "sistemas" como defesa contra o vazio e a solidão. A angústia, em Kierkegaard, é a "possibilidade de poder", a liberdade que surge do nada.

A distinção fundamental é que o poeta, ao contrário do filósofo que busca a autonomia e o "poder" da liberdade, não aceita a existência solitária, mas se entrega à "presença" e é "encadeado pelo canto". A angústia do poeta é "cheia de amor" e leva à criação de seu objeto, buscando a "clareza e precisão" para realizar o "sonho da inocência". A poesia é "reintegração, reconciliação, abraço", um movimento de retorno à origem, buscando a "comunidade" e o "sonho compartilhado". O filósofo, por sua vez, "vive para a frente, afastando-se da origem, buscando-se a 'si mesmo' na solidão", enquanto o poeta "se desvive", afastando-se de seu possível "si mesmo" por "amor à

origem". O poeta é o "filho pródigo" que, em sua prodigalidade, nunca deixou de viver filial e que, em seu amor, abraça a multiplicidade do mundo sem renúncia, servindo a um "senhor que está além do ser".

Finalmente, Zambrano conclui que a poesia, por ser "ametódica" e por querer "tudo ao mesmo tempo", não se separa das coisas nem da origem, não distinguindo entre ser e aparência. Ela anula o problema da existência humana ao manifestar o "ser das coisas e de tudo", transformando o homem em "voz que canta". A palavra poética é "irracional" porque "desfaz esta violência, esta justiça violenta do que é", dando forma ao "inexpressável" e ao "fantasma", afirmando o direito de cada ser a "outras vidas" e à infinitude. Embora a razão tenha trilhado um caminho de seguranças, a poesia permanece, apesar das épocas, no mesmo lugar de onde partiu, suas conquistas medidas por outra medida, como uma "caridade enfeitada e prisioneira". A reconciliação total entre ambas parece ainda distante, mas a autora sugere que a verdade da razão, ao reconhecer sua parcialidade e a "diferença injusta entre o que é e o que existe", se aproxima ao terreno da poesia, enquanto a poesia, com sua lucidez martirizante, se aproxima à razão. A obra de Zambrano é, assim, uma meditação profunda e poética sobre a própria natureza do saber e da existência humana, um convite a olhar para a vida com a clareza da razão e a fidelidade ao mistério da poesia.